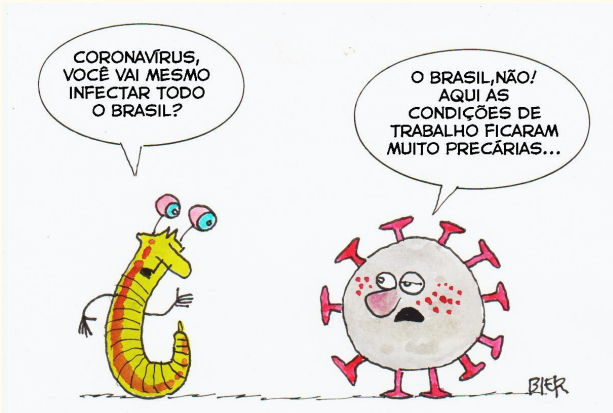


# Economia Genocida.

Matheus Fernandes Franklin Avila

Lays Hesse Andrade Silva



Corona precário. Disponível em:  
<https://www.sindbancarios.org.br/index.php/corona-precario/>.  
 Acesso em: 01 de abr. 2020.

A pandemia de COVID-19 mudou drasticamente a rotina de bilhões de trabalhadores em todo o mundo. Com o isolamento social sendo, até o momento, a principal forma de conter o avanço da contaminação e a superlotação dos hospitais, muitos assistiram seus cotidianos de trabalho serem transformados. Passaram a exercer o teletrabalho, perderam sua fonte de renda ou se viram na linha de frente do combate à doença.

Os serviços determinados como essenciais ao redor do globo definiram quem seriam aqueles que estariam mais expostos ao vírus para que grande parte da sociedade pudesse se isolar. Profissionais da saúde, entregadores de delivery, cozeiros, garis, policiais, bombeiros, caminhoneiros, motoristas de ônibus, cuidadores, caixas, farmacêuticos, empacotadores entre diversas outras ocupações, tornaram-se cada vez mais indispensáveis e passaram a correr mais riscos, podendo afetar não só sua própria saúde, mas também a de seus familiares<sup>74</sup>.

<sup>74</sup> Os ofícios 'invisíveis' e cruciais no mundo confinado pelo coronavírus. UOL. Disponível em:  
<https://sr.gdprvalidate.de/redir/clickGate.php?u=8otB939m&m=12&p=3b121G4eNI&t=33&splash=0&s=&url=https%3A%2F%2Fnoticias.uol.c>

Junto com essas determinações, foram recomendadas certas medidas de segurança, como o fornecimento de álcool em gel, máscaras, desinfetantes e luvas, além de precauções com tratamento de embalagens, pacotes e resíduos e em relação ao contato com pessoas, contaminadas ou não. No entanto, apesar das recomendações, diariamente, nas regiões mais atingidas pelo vírus, os trabalhadores relatam a incapacidade do poder público e das empresas em garantir a proteção desses profissionais<sup>75</sup>.

O aumento do número de mortes de motoristas de transporte público na Inglaterra, as milhares de mortes de cuidadoras e cuidadores de idosos nos Estados Unidos, feirantes e caixas de mercados contaminados na Itália. Tudo isso mostra a necessidade de tratar com cuidado a situação desses trabalhadores<sup>76</sup>. No Brasil não tem sido diferente, o afastamento de funcionários que exercem funções indicadas como essenciais já é uma realidade cotidiana. Só no Espírito Santo, mais de 72 policiais e bombeiros já foram afastados com suspeita de COVID-19<sup>77</sup>, um supermercado foi interdito por ter mais de 22 funcionários

[om.br%2Fultimas-noticias%2Fafp%2F2020%2F04%2F01%2Fos-oficios-invisiveis-e-cruciais-em-sociedades-confinadas-pela-covid-19.htm](https://www.globo.com.br%2Fultimas-noticias%2Fafp%2F2020%2F04%2F01%2Fos-oficios-invisiveis-e-cruciais-em-sociedades-confinadas-pela-covid-19.htm).

Acesso em: 01 abr. 2020.

<sup>75</sup> America's essential workers are under-protected in the face of COVID-19. The Economist Londres, 14, maio, 2020. Disponível em:  
<https://www.economist.com/graphic-detail/2020/05/13/americas-essential-workers-are-under-protected-in-the-face-of-covid-19>. Acesso em: 14 mai. 2020.

<sup>76</sup> BUBOLA, E. Death of Store Clerk in Italy Highlights Contagion's New Front Line. The New York Times. Disponível em:  
<https://www.nytimes.com/2020/03/25/world/europe/coronavirus-italy-supermarkets.html>. Acesso em: 25 mar. 2020; ONE-THIRD OF ALL U.S. CORONAVIRUS DEATHS ARE NURSING HOME RESIDENTS OR WORKERS. The New York Times. Disponível em:  
<https://nyti.ms/2zKxMvm>. Acesso em: 11 mai. 2020.; SENRA, R. Mortes de motoristas de ônibus por coronavírus expõem riscos dos trabalhadores essenciais sem proteção. BBC. Disponível em:  
<https://bbc.in/3bv8BDC>. Acesso em: 9 abr. 2020.

<sup>77</sup> ES tem 72 policiais e bombeiros afastados por suspeita ou infecção por coronavírus. G1. Disponível em: <https://glo.bo/3bKjHoe>. Acesso em: 14 mai. 2020.

contaminados<sup>78</sup> e suspeita-se que mais de 30% dos contaminados no Estado sejam profissionais da saúde, ou seja, médicos, enfermeiros e técnicos<sup>79</sup>.

É consenso entre a população que estes profissionais desempenham papel fundamental no combate ao coronavírus, devido ao cuidado direto com os contaminados. Então, o que se espera é a proteção desses trabalhadores que estão na linha de frente. Entretanto, observando o dia a dia de quem está diretamente em contato com os doentes, o cenário se configura ao oposto, pois em muitos hospitais brasileiros há escassez de EPIs (Equipamento de proteção individual). Faltam itens como viseiras, máscaras, aventais, luvas, álcool em gel e sabão líquido, sendo que muito desses trabalhadores fazem plantões que podem ultrapassar de 24h ou trabalham em mais de um local por causa dos baixos salários.

Dessa forma, torna-se recorrente a contaminação dos profissionais da saúde que também abrem mão da convivência com a família, pois não desejam colocá-los em risco. Além disso, ainda estão sujeitos ao desgaste de sua saúde mental devido à ansiedade pela sobrecarga de trabalho, exposição frequente aos riscos de contaminação e pelo contato, ou a falta dele, com suas famílias. De acordo com o Conselho Federal de Enfermagem, até o dia 12 de maio, já eram mais de 13 mil enfermeiros infectados e 100 mortos<sup>80</sup>.

Os entregadores de delivery formam outra categoria que tem condições de trabalho precárias, as quais foram intensificadas em meio à pandemia. Primeiro, é importante ter em mente que o delivery é uma saída para muitos trabalhadores que estão desempregados e não encontram novos postos de trabalho, optando por essa ocupação por conta própria para conseguir manter seus meios básicos de vida. Com o isolamento social e o fechamento do comércio, a demanda por serviços de delivery eletrônico aumentou, o que agrava ainda mais esse

cenário de fragilização.

No entanto, uma pesquisa feita pela Rede de Estudos e Monitoramento da Reforma Trabalhista (Remir Trabalho) mostra que os entregadores por aplicativos, embora tenham trabalhado mais durante a quarentena, tiveram uma redução significativa dos seus rendimentos<sup>81</sup>. De acordo com a pesquisa, 60% dos entregadores relataram queda dos ganhos comparado ao período anterior à pandemia, e é fato que as empresas de aplicativos, que intermediam as entregas, não estão fornecendo qualquer apoio e proteção adequada para evitar eventuais contaminações, fazendo com que muitos tenham de pedir gorjeta para comprar itens básicos como álcool em gel e máscaras<sup>82</sup>. Ainda, grande parte dos entregadores afirmam trabalhar os sete dias da semana. Por alegarem que apenas fornecem o serviço de vincular o entregador ao cliente, as empresas e esses trabalhadores não possuem qualquer tipo de vínculo empregatício, o que acaba por não respaldá-los juridicamente e profissionalmente, como se já não bastasse reduzir o valor do ganho dos entregadores para sobrepujar seus lucros em meio a uma pandemia.

Com o aumento do número de mortes decorridas da COVID-19, os coveiros têm trabalhado em jornadas ainda mais longas para conseguir suprir a demanda de enterros. Com caixões lacrados e, frequentemente, sem causa da morte confirmada, esses trabalhadores correm ainda mais riscos. Na maioria dos casos, não há equipamentos de segurança suficientes, os materiais descartáveis têm de ser usados várias vezes, as pausas e as refeições são insuficientes e feitas em locais insalubres. Mesmo com um crescimento de 47% do número de sepultamentos no maior cemitério da América Latina, o Vila Formosa, em São Paulo, não houve incremento nos salários, que giram em torno de um salário mínimo<sup>83</sup>. Há, ainda, relatos de cemitérios

<sup>78</sup> Com funcionários com COVID-19, supermercado é interditado em vila-velha. A Gazeta, Vitória, 29, abril, 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3bKbvVh>>. Acesso em: 29 abr. 2020.

<sup>79</sup> Coronavírus: do total de infectados no ES, 32% são profissionais da saúde. G1. Disponível em: <<https://glo.bo/2Tf4vsP>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

<sup>80</sup> TAVARES, V. COVID-19: a saúde dos que estão na linha de frente. Fiocruz. Disponível em: <<https://bit.ly/2zI73sy>>. Acesso em: 13 abr. 2020.

<sup>81</sup> Coronavírus: entregadores de aplicativo trabalham mais e ganham menos na pandemia, diz pesquisa. BBC. Disponível em: <<https://bbc.in/2WCGHns>>. Acesso em: 07 mai. 2020.

<sup>82</sup> PETROCIO, C. Expostos ao coronavírus, entregadores de delivery atuam sem proteção. Folha de São Paulo, São Paulo, 6, abril, 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/expostos-ao-coronavirus-entregadores-de-delivery-atuam-sem-protacao.shtml>>. Acesso em: 06 abr. 2020.

<sup>83</sup> Cf. Disponível em: <<https://www.salario.com.br/profissao/coveiro-cbo-516610>>.

que mantém relações de trabalho análogas à escravidão, sem garantia de descanso, banheiros, vestiários e água potável<sup>84</sup>.

Essas questões não são pontuais, é preciso relacioná-las com políticas econômicas adotadas há anos no Brasil, bem como medidas tomadas durante este período de pandemia. Por exemplo, ficaram evidentes os assustadores efeitos da Emenda Constitucional 95/2016, que congelou os gastos públicos, dentre eles, os voltados à saúde por 20 anos, como vimos na situação das condições dos profissionais da saúde e o sucateamento do Sistema Único de Saúde, o SUS, como um todo.

A pandemia também tornou explícita as condições precárias dos trabalhadores informais brasileiros, que foram ratificadas pela Reforma Trabalhista de 2017. Como se não bastasse, foram sancionadas as Medidas Provisórias 927/2020, que flexibilizou as horas extras, a suspensão de exigências administrativas em segurança e saúde no trabalho, e a 936/2020, que prevê a possibilidade de redução dos salários em meio à negociação individual entre o trabalhador e o empregador, que é comprometida por conta das relações hierárquicas. Isso significa que a proteção ao trabalhador já vulnerável, tanto em relação a sua saúde, quanto no sentido jurídico e econômico, ficou ainda mais debilitada nesse período.

Seguindo esse raciocínio, pode-se chegar à conclusão de que, a garantia de direitos trabalhistas, da expansão dos gastos com a saúde pública e da segurança do trabalho é imprescindível no combate à COVID-19 e na proteção de vidas, ao contrário do que vem sendo adotado como política econômica no Brasil. Pois, além de dar melhores condições aos profissionais de saúde em seu trabalho, a ampliação da seguridade social confere certa garantia de renda e segurança jurídica ao trabalhador, o que, por sua vez, seria essencial para a manutenção do isolamento social.

Essas medidas econômicas trazem à tona, portanto, que com o objetivo de garantir os lucros das empresas, o que se tem é a aflição do trabalhador,

comprometendo sua renda e, neste momento, sua saúde e a de seus familiares. Não bastam aplausos e agradecimentos a esses profissionais que hoje, para garantir sua subsistência e possibilitar o vislumbre da superação da pandemia, arriscam suas vidas para realizar funções que se mostraram essenciais, se não tiverem assegurado que, ao final de tudo, terão suas vidas protegidas.

---

<sup>84</sup> DAL GOBBO, E. Coveiros trabalham em condições análogas à escravidão em Cariacica, denuncia sindicato. Século Diário. Disponível em: <<https://www.seculodiario.com.br/direitos/coveiros-trabalham-em-condicoes-analogas-a-escravidao-em-cemiterios-de-cariacica-denuncia-sindicato>>. Acesso em: 07 mai. 2020.